

**A INDÚSTRIA CULTURAL E SUA INFLUÊNCIA NA MANIPULAÇÃO DA RES
EXTENSA PARA A CONCEPÇÃO DE UM CORPO IDEAL**
***THE CULTURAL INDUSTRY AND ITS INFLUENCE ON THE MANIPULATION OF
EXTENSION RES TO DESIGN AN IDEAL BODY***

Jéssica Maria Esteves de Sousa¹

Ms. Suderlan Tozo Binda²

RESUMO: A sociedade antiga era regida por explicações mitológicas para os acontecimentos relacionados ao universo, essas explicações seguiram em vigência até o advento da modernidade, que vai trazer racionalidade para as explicações das coisas que acontecem no mundo. René Descartes é considerado o primeiro filósofo dessa era, e inaugura seu pensamento trazendo a ideia do homem como constituído de pensamento (*res cogitans*) e matéria (*res extensa*). A partir do pensamento de Descartes a respeito do homem, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que mostrou como a *res extensa*, matéria em movimento é manipulada pela Indústria Cultural, termo criado por Adorno e Horkheimer para denominar a influência da mídia, isto é, televisão, rádio, etc. Para alienar o indivíduo e retirar o domínio de si no que diz respeito ao pensamento crítico. Assim, mostrou-se como a Indústria Cultural influencia o sujeito a adotar uma concepção de corpo ideal com o intuito de fazê-lo consumir cada vez mais para alcançar esse ideal. No entanto, como pode ser observado no decorrer do trabalho, essas promessas não se concretizam no âmbito da matéria, permanecendo somente no âmbito dos sentimentos.

Palavras-chave: Descartes; Res extensa; Indústria Cultural; Alienação; Corpo Ideal.

ABSTRACT: Ancient society was governed by mythological explanations for events related to the universe, these explanations remained in force until the advent of modernity, which will bring rationality to the explanations of things that happen in the world. René Descartes is considered the first philosopher of this era, and inaugurated his thought by bringing the idea of man as being made up of thought (*res cogitans*) and matter (*res extenso*). Based on Descartes thoughts about man, a bibliographical research was carried out that showed how the *res extensive*, matter in motion, is manipulated by the Cultural Industry, a term created by Adorno and Horkheimer to describe the influence of the media, that is, television, radio, etc. To alienate the individual and take away control of themselves when it comes to critical thinking. From this, the objective is to show how the Cultural Industry influences the subject to

¹Graduanda do curso em Filosofia do Centro Universitário Salesiano- Unisales. E-mail: jessicamesteves02@gmail.com

²Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1997), Pós- Graduado em filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi (2002) e mestre em Filosofia Sistemática pela Pontifícia Universitas Gregoriana- Roma- (2006). Atua como professor de filosofia no Centro Universitário Salesiano (UNISALES). E-mail: sbinda@salesiano.br

adopt a conception of an ideal body with the aim of making them consume more and more to achieve this ideal. However, as can be seen throughout the work, these promises do not materialize in the realm of matter, remaining only in the realm of feelings.

Keywords: Descartes; Extensive res; Cultural Industry; Alienation; Ideal body.

1. INTRODUÇÃO

O corpo humano desde a antiguidade é objeto de estudo para várias áreas de conhecimento. A antropologia filosófica em específico tem como papel dialogar a respeito das mais diversas concepções de corpo existentes até os dias atuais. As diversas concepções antropológicas, inspiradas no modo de enxergar o mundo de cada sociedade e pensadores, vão dizer, cada qual a seu modo, o que é o ser humano.

Na modernidade, época principal a ser analisada neste artigo, o corpo se torna uma coisa extensa e seu modo de funcionamento é o modelo de máquina, e o principal filósofo e pioneiro dessa era é René Descartes, que irá desenvolver um dualismo de natureza, afirmando a separação total entre corpo (*res extensa*) e alma (*res cogitans*). O homem é definido por ele como *res cogitans* e *res extensa*, respectivamente, pensamento e matéria. A alma, segundo ele, domina o corpo, como as engrenagens de um relógio e, a mesma localizada na glândula pineal, não é responsável pela vida do corpo.

Na década de 20 irá surgir a Escola de Frankfurt, de onde surgirá posteriormente o conceito de Indústria Cultural, criado pelos fundadores da Escola, mais especificamente por Adorno e Horkheimer, para descrever a ferramenta de alienação da classe trabalhadora a fim de que a mesma não tome consciência da sua miséria e continue dando lucro aos grandes capitalistas. O homem alienado pela Indústria Cultural é um indivíduo que consome, que gera lucro, que não questiona seu comportamento consumista, nem possui a capacidade de pensar por si próprio, se tornando objeto da fácil manipulação nas mãos de quem produz maior poder monetário.

O objetivo, portanto, foi mostrar, de acordo com essa visão dualista, como a *res extensa* se torna manipulável pela *res cogitans*, assim, a partir do dualismo cartesiano e da concepção corpo-máquina, mostrou-se como a Indústria Cultural manipula e aliena o sujeito com o intuito de fazê-lo consumir cada vez mais.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 O DUALISMO CARTESIANO

A modernidade é marcada por um novo modo de pensar, anteriormente na Idade Moderna, o objeto de estudo do homem se dava de forma diferente, a Igreja era detentora da verdade que regia a sociedade e todas as questões relacionadas ao homem, como origem, finalidade e fim, eram respondidas com base em Deus. Com

o passar do tempo, essa visão foi sendo modificada, juntamente com a sociedade, e com o advento da modernidade, o homem passa a estar no centro das discussões.

A concepção moderna do homem pode ser observada de forma inicial na renascença, período de muitas mudanças no âmbito humano, como a valorização da literatura e o pensador que deu início a essa era foi René Descartes, considerado o pai da modernidade, trazendo grandes mudanças na forma de enxergar o homem, tal como sua concepção dualista e mecanicista do homem. Dito isso, a partir da visão dualista, chegou-se à visão mecanicista, a *res extensa* é para ele separada em qualidades primárias e secundárias, as qualidades secundárias dizem respeito à subjetividade e como ela se apresenta a todo sujeito, enquanto as qualidades primárias falam daquilo que é possível pesar e medir, e por isso pode ser controlado; por esse controle, chega-se a concepção mecanicista.

O mecanicismo de Descartes enxerga o homem como uma máquina e tudo criado por ele se torna extensão de seu próprio corpo, como exemplo é possível citar a criação da retroescavadeira, que é uma extensão do braço do homem, e todo trabalho realizado por ela é com esse intuito, o de substituir e ultrapassar os limites da capacidade humana. Todo o corpo humano é comparado analogicamente a máquinas e só se diferencia de tal devido à existência do espírito que se manifesta na linguagem, a mesma possibilita que o homem se expresse a respeito dos seus sentimentos, isso também o diferencia dos outros animais, pois neles não há a presença do espírito, portanto, não conseguem expressar sensações.

Descartes também é responsável por dividir o pensamento moderno posterior a ele de tal forma que os filósofos que vieram depois passam a assumir uma das concepções do dualismo cartesiano. A partir dessa concepção do homem como *res cogitans* e *res extensa*, irá ser exposto como a Indústria Cultural atua na manipulação do corpo a fim de vender produtos e fazer o indivíduo consumir, transformando o corpo em uma espécie de vitrine.

Em seu método para a construção do saber, Descartes parte da dúvida para distinguir aquilo que existe ou não na realidade. Seu principal objetivo é chegar a um conhecimento verdadeiro que não fosse passível de erros e para tal, empregou um método contendo quatro passos:

Descartes, antes de admitir que um conhecimento seja verdadeiro ou não, coloca em dúvida tudo aquilo que não é claro e distinto:

O primeiro era não aceitar coisa alguma por verdadeira sem reconhecê-la evidentemente como tal, isto é, evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção em meus julgamentos só inserir o que se apresentasse ao meu espírito tão clara e distintamente que não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida (Descartes, 2006, p. 42-43).

Após isso, todo conhecimento averiguado era dividido com o intuito de observar o problema mais claramente:

O segundo, em dividir cada uma das faculdades que eu examinasse, em tantas parcelas quantas fossem possíveis e necessárias para melhor resolvê-las (Descartes, 2006, p. 43).

O terceiro passo consiste em ordenar as ideias, partindo das mais simples às mais complexas:

O terceiro, em conduzir ordenadamente meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e os mais fáceis de serem conhecidos, para pouco a pouco subir, como por degraus, até o conhecimento dos mais complexos, supondo certa ordem mesmo entre os que efetivamente não precedem naturalmente uns dos outros (Descartes, 2006, p. 43).

Por último, Descartes revisa todos os passos anteriores com o intuito de não deixar nada oculto, “O último em fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais, que ficasse seguro de nada omitir”. (Descartes, 2006, p. 43)

Nesse movimento de questionar tudo, Descartes duvida também de sua própria existência, contudo se dá conta de que ao duvidar existe, visto que, algo que não existe não pode duvidar, chega a sua famosa frase: *Cogito Ergo Sum*, isto é, penso, logo existo, com essa frase ficará provado a existência do ser do homem como substância pensante:

Mas logo depois eu me adverti de que, enquanto eu queria pensar que tudo era falso, necessário se tornava que eu, que pensava, que fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade “penso, logo existo” era tão firme e tão segura, que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos eram incapazes de abalar, julguei que podia aceitá-la, sem dúvida, como primeiro princípio da filosofia que procurava. (Descartes, 2006, p. 55-56)

Além disso, Descartes possui em sua filosofia o que podemos denominar dualismo, ou seja, uma visão duplicada do que se constitui o homem, neste caso; corpo e espírito, ou melhor empregado por ele: *res cogitans* e *res extensa*, essas duas naturezas são segundo ele completas e capazes de existir uma sem a outra. Define-se, assim, o dualismo cartesiano; o homem é espírito, e matéria em movimento capaz de ser manipulada a fim de favorecer a si próprio:

O dualismo cartesiano é uma expressão que se refere à sua concepção de que a mente e o corpo são duas substâncias distintas, ou seja, duas realidades absolutamente diferentes, independentes entre si (embora possam agir uma sobre a outra) (Levy, 2010, p. 87).

A *res cogitans* diz respeito ao mundo do espírito, da consciência humana, enquanto que, a *res extensa* diz respeito ao mundo material, o corpo e tudo aquilo que é extenso:

No que tange ao corpo, não duvidava de modo algum de sua natureza; pois pensava conhece-la muito distintamente e, se tivesse querido explicá-la segundo as noções que dela possuía, tê-la-ia descrito desta forma: pelo corpo entendo tudo o que pode ser delimitado por uma figura; que pode ser compreendido em algum lugar, e preencher um espaço de tal modo, que todo outro corpo seja dele excluído; que pode ser sentido, ou pelo tato, ou pelo paladar, ou pelo olfato; que pode ser movido de várias formas, não por si mesmo, mas por alguma coisa alheia pela qual seja tocado e de que recebe a impressão (Descartes, 2005, p. 44-45).

O mecanicismo, isto é, a visão do homem e do mundo como máquina, nada mais é do que uma forma que Descartes utiliza para explicar, de maneira análoga, o funcionamento do corpo. Assim, todas as ações do corpo humano, terão explicações através dela. Para melhor entendimento, comparemos o corpo humano com um

computador, a chamada placa mãe seria comparada ao cérebro humano, responsável por todos os comandos e ações do corpo, a memória humana seria comparada ao disco rígido e assim sucessivamente; em resumo, na modernidade e na concepção mecanicista de Descartes, as máquinas se constituem a extensão do corpo humano.

Essa máquina chamada corpo foi, segundo ele, criada por Deus e pode ser explicada pelas leis matemáticas e geométricas. Assim, também o mundo foi criado por Deus, como uma máquina, o mesmo empenhou uma determinada força como ponto de partida e a partir disso, começou a funcionar sozinho:

Ao contrário, como objetos puramente materiais, todos os fenômenos físicos podem ser vistos como as máquinas – como os autômatos, que pareciam vivos, e as engenhosas máquinas, fontes, relógios e moinhos, que estavam sendo construídos e eram tão apreciados pelos europeus do século XVII. Deus criou o Universo e definiu suas leis mecânicas, mas depois disso o sistema passou a movimentar-se por si, a máquina suprema construída pela suprema Inteligência (Tarnas, 2005, p. 301).

O corpo humano é um conjunto de suas partes tais quais as máquinas são um conjunto de peças que funcionam juntas, assim também todas as partes do corpo humano podem ser explicadas utilizando o modelo mecanicista. Com isso, Descartes coloca de lado a concepção vitalista que afirma a existência de uma alma responsável pela vida do corpo, em Descartes a alma não é vida, e sim, responsável pela racionalidade humana.

Em Descartes, a matéria e o pensamento foram simplificados com o intuito de caberem nos critérios da razão, a matéria em movimento, que pode ser pesada e medida, pode ser controlada a fim de caber nos critérios da razão. As explicações baseadas nos mitos não fazem sentido e a razão se torna dominadora. A partir disso, a Indústria Cultural manipula a matéria em movimento com o intuito de vender um determinado tipo de corpo.

2.2 A MANIPULAÇÃO DO CORPO PELA INDÚSTRIA CULTURAL

A Escola de Frankfurt foi criada por Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamim e Habermas. Refere-se aos trabalhos realizados pelos mesmos na década de 20, o intuito era institucionalizar esses trabalhos a respeito do movimento operário europeu, e para isso, foi escolhido uma universidade, a de Frankfurt, tornando-se assim, um instituto com prédio próprio. O instituto se tornou realmente um centro de pesquisa com a nomeação de Horkheimer como diretor, preocupando-se com os problemas causados pelo capitalismo moderno. Assim, elaborou uma crítica à cultura de massa, que segundo a socióloga Bárbara Freitag foi o que provavelmente fez com que a escola de Frankfurt se tornasse conhecida. Afirma Freitag (1990, p. 65):

Provavelmente a teoria crítica da Escola de Frankfurt tornou-se mais conhecida no mundo inteiro pela sua crítica à cultura de massa que pelos seus demais trabalhos em outros campos do saber, como a filosofia, sociologia, a crítica literária, a teoria do conhecimento, etc.

O movimento iluminista tinha como objetivo retirar o medo dos homens. Antigamente, quando o homem não podia dominar a natureza, ele a temia, pois ela

se mostrava assustadora, isso porque ela ainda é desconhecida por ele, mas com a criação dos mitos, uma tentativa de apaziguar a natureza, ela se torna manipulável pelo homem. Sendo assim, o movimento iluminista tinha como objetivo retirar do homem o medo dos mitos e encaminhá-lo a autonomia, emancipando-o a fim de que o mesmo alcançasse a maioria, isso é, fazer com que o sujeito se tornasse capaz de pensar criticamente e tomar o domínio do seu próprio pensamento, entretanto, ao invés de tirar o medo dos homens tornando-os senhores de si, acaba se tornando autodestrutivo.

Por isso, o homem, por ser partícipe da natureza, acaba sendo manipulado pela própria razão que deveria ser emancipadora, mas tornasse dominante, isso se dá, pois, prevaleceu no iluminismo o saber como uma técnica, não como crítica. Portanto, a razão que antes era objetiva se torna puramente instrumental. Por consequência, o homem é manipulado pela própria razão que deveria libertá-lo, ele se torna controlado pelas fábricas, pela indústria, pelo mercado de trabalho, entre outros. Ademais, a razão se torna instrumento de manipulação do próprio corpo, quando a mesma começa a colocar em pedestal um determinado padrão de corpo:

A técnica é a essência desse saber. Seu objetivo não são os conceitos ou imagens nem a felicidade de contemplação, mas o método, a exploração do trabalho dos outros, o capital. Por sua vez as inúmeras coisas que, segundo Bacon, ainda são guardadas nele não passam de instrumentos: o rádio, enquanto impressora sublimada, o avião de combate, enquanto artilharia eficaz, o telecomando, enquanto bússola de maior confiança. O que os homens querem aprender da natureza é como aplicá-la para dominar completamente sobre ela e sobre os homens (Horkheimer, Adorno, 1980, p. 90).

No iluminismo, os mitos, histórias, lendas e superstições não são mais superestimados, despido dessas forças sobrenaturais, a *res extensa* começa a ser dominada:

A partir de agora, a matéria deverá finalmente ser dominada, sem apelo a forças ilusórias que a governem ou que nela habitem, sem apelo a propriedades ocultas. O que não se ajusta às medidas da calculabilidade e da utilidade é suspeito para o iluminismo (Horkheimer, Adorno, p. 91).

Em Descartes há uma simplificação do mundo e a remoção dos mitos como alternativa para explicação do funcionamento do universo, isto é, a explicação mitológica em vigência até aquele momento, passa a ser deixada de lado em vista de uma explicação racional com base na ciência. Essa simplificação também é feita pelo iluminismo, o movimento que tinha como objetivo se abster dos conhecimentos mitológicos e fazer com que o homem alcance o esclarecimento se torna instrumento, nesse caso, instrumento de manipulação da matéria, se utilizando da Indústria Cultural para vender mercadorias. O que é vendido neste caso é exatamente a ideia de um corpo perfeito, ideal. A razão instrumental iluminista tem potencial para manipular a *res extensa*, matéria em movimento, e assim o faz se utilizando da cultura de massas. A cultura, que deveria ser um bem social e trazer entretenimento e conhecimento ao sujeito, passa a ser ferramenta de alienação do próprio sujeito. Com a produção cultural em larga escala, a cultura deixa de ser um bem para se tornar objeto de manipulação. O ser humano não é mais manipulado por figuras místicas, mas por imagens vinculadas aos instrumentos de mídia.

Essa razão iluminista, juntamente com a Indústria Cultural, propaga que, para alcançar o ideal de corpo perfeito precisa necessariamente consumir produtos, entretanto, esse desejo e as promessas de realização permanecem somente no âmbito do pensamento (*res cogitans*) não se concretiza efetivamente na matéria, além disso, o capitalismo, através da Indústria Cultural perpetua no sujeito um ideal de igualdade e liberdade, porém, esses ideais permanecem somente no âmbito dos sentimentos, é possível citar como exemplo o próprio corpo, a Indústria Cultural faz o indivíduo desejar alcançar um tipo de corpo ideal, e que a felicidade do sujeito depende única e exclusivamente dessa alienação, entretanto, mesmo que o sujeito alcance o objeto de sua alienação, o mesmo não alcançará a felicidade prometida.

Segundo Marcuse há uma distinção entre civilização e cultura, essa diferenciação entre mundo dos sentimentos e da reprodução material era representada pela burguesia e a maioria da população, respectivamente. Essa dimensão subjetiva do mundo dos sentimentos atraía a sociedade a se contentarem com as promessas dos valores espirituais, entretanto, os produtos dessas promessas de felicidade e liberdade só obtinham acesso os detentores dos meios de produção. Essa partição entre reprodução material e espiritual justificou a alienação sofrida pela maioria da população, quando os mesmos anseiam por um mundo melhor.

Por isso, Marcuse vai dizer que a obra de arte se torna alienante, porque o indivíduo, ao observar as promessas feitas através delas, se adéqua à condições consideradas desumanas, na esperança de alcançar um dia aquilo no qual foi alienado para desejar. Entretanto, essa forma de alienação para manter o trabalhador no processo produtivo tornou-se insuficiente e a produção cultural foi absorvida pela produção material. Com o surgimento da Revolução Industrial a obra de arte e a cultura acabaram se dissolvendo, pois, com o avançar das tecnologias houve a reprodução das obras de arte em grande escala, o que fez com que a arte, anteriormente considerada luxo, passasse a ser bem de consumo em massa. Contudo, essa dissolução ocorreu de acordo com Adorno e Horkheimer, porque a arte se tornou apenas uma mercadoria:

A Indústria Cultural, que se caracteriza por sua dimensão anti ou acultural (dissolução da obra de arte, produção e reprodução de mercadorias ditas “culturais”), por sua vinculação com a moderna técnica (rádio, tevê, cinema, fotografia, imprensa, etc.) e seu consumo de massas e seu caráter de mercadoria, constitui a fórmula moderna que a sociedade burguesa encontrou para perpetuar-se (Freitag, 1990, p.73).

A Indústria Cultural é, portanto:

A falsa reconciliação entre produção material e ideal de bens recebe o nome de “Industria Cultural”. Horkheimer e Adorno criaram esse termo para evitar termos mais familiares, mas também mais ambíguos, com “cultura de massa”, “cultura popular” ou sua contrapartida, “cultura de elite”, “alta cultura”, para caracterizarem melhor o fenômeno que analisam: cultura produzida para o consumo de massa, atendendo às necessidades de valor de troca (do seu produtor) e de valor de uso (do seu consumidor) (Freitag, 1990, p. 71).

Assim tudo é transformado em mercadoria, não há mais valor estético e filosófico, como na arte, mas com o intuito de lucrar cada vez mais. A Indústria Cultural é mais

do que somente um ramo de produção, pretende ocupar o lazer do operário e da grande população para que os mesmos não tomem consciência da sua realidade, além de eliminar a criticidade do indivíduo, fazendo-o se esquecer de sua própria exploração. O objetivo é bloquear a autonomia de pensamento e criatividade do sujeito para que o mesmo apenas receba as mensagens transmitidas pelos meios e seja induzido a consumir tal coisa anunciada pela mídia ou adote certo tipo de comportamento exposto pela mesma. Os comportamentos, interesses e valores são totalmente controlados pela mídia, tornando o indivíduo alienado da realidade. “O homem desejado pela Indústria Cultural é um ser funcional” (Reale, Antiseri, 2006, p. 474), isto é, que não questiona, apenas abstrai, que não pensa por si só, mas que depende de outrem para produzir suas ideias, como afirma a menoridade kantiana, mais especificamente as ideias produzidas por aqueles que fazem o controle da Indústria Cultural. Trata-se de uma ferramenta utilizada para potencializar o funcionamento da sociedade contemporânea tecnológica.

O capitalismo reduziu tudo a meras mercadorias. Nessa perspectiva o corpo humano se torna como uma vitrine, utilizado para vender e fazer o indivíduo consumir cada vez mais, seja em procedimentos estéticos, de beleza, na indústria da moda, dentre outros. A Indústria Cultural oferece um prazer, um meio para alcançar aquilo que o indivíduo deseja. Assim, os mesmos acabam se tornando produtos para a indústria capitalista, pois, a Indústria Cultural aflora no sujeito um desejo de consumo, a partir disso, trazendo para o ramo da antropologia, o sujeito que almeja um “corpo ideal” vai desejar e consumir cada vez mais a fim de que se alcance aquilo que foi influenciado pela Indústria Cultural para desejar. Tudo é simplificado, assim também se faz em relação ao corpo. A Indústria Cultural cria uma ideia de corpo perfeito tido como “natural”, apresentado por meio de filmes, novelas, propagandas, e outros mais.

2.3 A RES EXTENSA E A ILUSÃO DO CORPO IDEAL

A Indústria Cultural, portanto, promove a necessidade de alcançar determinado desejo e para isso, incentiva o consumo desenfreado. Funciona da seguinte forma: o indivíduo entra em contato com as falsas promessas da Indústria Cultural, essas podem aparecer em novelas, filmes, propagandas, etc. Passa a desejar aquilo no qual foi alienado para querer alcançar, neste caso, um padrão de corpo dito como ideal por ela mesma. No entanto, para alcançar esse padrão, o sujeito precisa necessariamente consumir produtos que o ajude a alcançar aquilo que foi alienado para desejar, sejam eles produtos para emagrecer, como pílulas, shakes, fórmulas mágicas, seja na Indústria da moda, como roupas de academia, calçados, ou mesmo no mercado das academias com pacotes promocionais de aulas com diversos tipos de funções diferentes, assim, o intuito é fazer o indivíduo consumir cada vez mais.

Diante disso, é possível identificar um padrão: alienação- desejo- consumo, a Indústria Cultural promove a alienação que leva o indivíduo a desejar, e o mesmo o leva ao consumo na esperança de alcançar o que almeja. Contudo, essa realização do indivíduo não se concretiza no âmbito da *res extensa*, ela permanece somente no âmbito da *res cogitans*. O corpo humano, então, é tido como uma espécie de vitrine

de uma loja, em que tudo perpetuado pela Indústria Cultural é para fazer movimentar o mercado capitalista e gerar lucros, não há mais uma visão estética do corpo, mas totalmente utilitarista. Entretanto, essa concepção de corpo ideal ofertado pela Indústria Cultural e que possui embasamento na atriz de novela que conseguiu alcançar essa perfeição, não será alcançada por todos. O corpo como *res extensa* é a condição primária de todo condicionamento posterior, visto que, sendo ele massa em movimento, pode ser manipulado de inúmeras formas. O sonho de um corpo ideal é vendido pela mídia, buscado pelo indivíduo, que, não o realiza no mundo material, mas perdido nos sonhos dos filmes, séries, entre outros, encontra-o.

Os seres humanos sempre almejavam se livrar do medo da natureza, no advento do iluminismo o fizeram graças às simplificações da mesma, transformando-a em coisa medida e pesada, logo controlada. No entanto, o homem também, por ser um ser natural, acaba sendo controlado, não passando de um ser consumidor.

2.4 A VISÃO DO CORPO COMO MERCADORIA

No capitalismo toda vida social gira em torno do mercado, portanto, toda atividade de produção e reprodução giram em torno dele. Toda mercadoria possui um valor, assim também a força do trabalho humano se torna uma mercadoria, e sem ela o sistema não existiria. Sendo assim, o progresso técnico se tornou possível devido à acumulação de poder em uma determinada parcela da sociedade que aplicaram essa riqueza em máquinas, tornando-se propriamente capitalistas. Assim, a sociedade é dividida em dois polos extremos, o homem vendendo a força de seu trabalho, e os grandes detentores de riqueza comprando a sua força trabalhista e produzindo cada vez mais riquezas através dela:

[...] O progresso vertiginoso técnico que nós temos no capitalismo só foi possível, porque em determinado momento a riqueza da sociedade estava acumulada nas mãos de alguns poucos que, ao empregarem essa riqueza na aquisição de equipamentos e máquinas recém inventados fizeram dessa riqueza, capital e se tornaram, então, capitalistas [...] (HENRIQUE MOTA, 2013).

O capitalismo faz perpetuar no sujeito dois ideais: de igualdade e liberdade. Todos os indivíduos se tornariam iguais e livres, com as mesmas oportunidades perante todos, mas ao invés disso, o que faz é justamente manter e aprofundar as desigualdades existentes na sociedade, isto é, entre o trabalhador, que só possui a força de seu trabalho, e o capitalista, detentor de toda riqueza. O mercado aparece como meio de superar, em tese, essas desigualdades, mas, na verdade, essas promessas de igualdade e liberdade não se concretizam na realidade. O trabalhador não tem outra alternativa a não ser vender a sua força de trabalho para sobreviver, ele não é livre a ponto de escolher não o fazer, e também não é igual aos grandes produtores, pois a única riqueza que possui é justamente a força de produzir riquezas para outrem. Sendo assim, o próprio mercado capitalista bloqueia o objeto de suas promessas.

Nesse modelo, toda a sociedade é organizada ao redor da mercadoria, e por isso toda mercadoria possui um determinado valor, sendo assim, o trabalho torna-se também uma mercadoria, bem como toda e qualquer coisa tem potencial para se

tornar mercadoria, desta forma o trabalho passa a ser alienado na medida em que ele deixa de ser em sua essência força vital humana:

Quando a atividade vital é transformada em atividade privada, sem a antecipação dos resultados ou o exercício da liberdade, temos o estabelecimento da dominação. Dessa forma, o trabalho adquire a forma de mercadoria no capitalismo e pode, como qualquer mercadoria, ser negociado com terceiros (Barros, Nascimento, p. 109, 2018).

A coisificação do trabalho humano faz com que o produto de seu esforço se torne algo estranho a si mesmo:

Assumindo esse caráter de mercadoria, o trabalho se converte em verdadeiro instrumento de degradação da condição humana, pois ao perder a liberdade das suas atividades no trabalho, o homem deixa de ser homem para se tornar uma coisa. Além disso, a coisificação do homem produz a “desrealização do trabalhador”, na medida em quem o produto do seu trabalho aparece como um objeto estranho a ele próprio (Barros, Nascimento, p. 109, 2018).

Por sua vez, essa visão, como dito anteriormente, reduz o corpo humano a meras mercadorias, em que o intuito é alienar o homem cada vez mais e o tornar um sujeito totalmente desprovido de capacidade crítica e de reflexão a respeito de sua própria vida. Assim, o desejo da indústria capitalista é fazer com que o indivíduo viva de forma alienada sem pensar, sem potencial para formar um raciocínio contrário a ela. Essa redução faz com que o homem se torne um objeto em que seu único valor é consumir, vender e fazer lucrar a indústria capitalista, desconsiderando o ser humano como um ser partícipe da natureza e que possui seus valores éticos.

3. METODOLOGIA

Esse trabalho tem como intuito, a partir da definição cartesiana do mundo como *res cogitans* e *res extensa*, isto é, pensamento e matéria em movimento, analisar bibliograficamente a influência da Indústria Cultural na manipulação da matéria para a formação de uma concepção de corpo ideal. Para chegar no objetivo final, foram analisados termos, conceitos e filósofos, como propriamente o de Indústria Cultural, criado por Adorno e Horkheimer, bem como o dualismo cartesiano proposto por Descartes, no qual foi o principal filósofo estudado nesse artigo.

Para tal, foram observados livros e artigos acadêmicos que abordam o assunto, como o artigo de Adorno e Horkheimer (Adorno; Horkheimer, 1980) que vai explorar a definição do conceito, seu significado, e o contexto no qual foi criado. Além disso, foi utilizado o livro “Antropologia Filosófica I” (Vaz, 2006), que serviu de base para o entendimento das concepções de corpo moderna e cartesiana. Ademais, como filósofo principal, foram estudados os livros de Descartes, “Discurso de Método” (Descartes, 2006) e “Meditações Metafísicas” (Descartes, 2005). Após realizar a leitura, foram coletados os principais conceitos encontrados e realizou-se uma pesquisa bibliográfica (Minayo, 2009) a partir da bibliografia já existente sobre o assunto, buscando se valer de um assunto já existente na sociedade, bem como pesquisado pelo meio acadêmico. Por fim, o objetivo final foi mostrar como a

Indústria Cultural induz o homem a adotar uma concepção de corpo ideal com o intuito de fazê-lo consumir cada vez mais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante o exposto, após realizada uma profunda análise a respeito da concepção dualista do corpo como *res cogitans* e *res extensa* (pensamento e matéria em movimento) bem como a visão mecanicista do corpo como uma grande máquina capaz de ser controlada pelo pensamento, conforme a visão cartesiana do homem. Assim como, a investigação do conceito de Indústria Cultural, termo criado por Adorno e Horkheimer, filósofos participes da Escola de Frankfurt, também pesquisados nesse artigo, foi possível chegar à conclusão de que o mundo capitalista com seus falsos ideais de liberdade e igualdade, na qual já ficou claro anteriormente que os mesmos só permanecem no âmbito dos sentimentos, não se concretizam no âmbito da matéria (*res extensa*). Em vista disso, cria-se no sujeito um ideal de corpo perfeito, no qual ficou claro que este possui como intuito produzir no indivíduo um ideal de felicidade e a partir desse desejo, sua atitude é consumir na falsa ilusão de que alcançará os mesmos resultados dos corpos perfeitos perpetuados nas novelas, filmes, etc.

Conseqüentemente, no ato de desejar, está escondido o ato de consumir, pois somente utilizando o produto x ou y que o sujeito será feliz e alcançará o tão sonhado corpo ideal. A partir dessas ideias fica claro como o sujeito é visto pela indústria capitalista como meramente um objeto utilizado para lucrar, também é possível citar a coisificação do homem que vende sua força de trabalho para sobreviver e acabar fazendo lucrar cada vez mais os grandes capitalistas.

Diante dessa discussão, é possível dialogar a respeito da manipulação sofrida pelo sujeito e na alienação cada vez mais influente na vida do indivíduo, e como os instrumentos usados para perpetuar essa alienação e manipulação poderiam ser utilizados para conscientizar o homem a respeito, por exemplo, da saúde do seu corpo e mente, das muitas doenças presentes no século XXI. Ao invés de alienar, conscientizar, ao invés de manipular, libertar. Com isso, o sujeito conseguiria alcançar sua maioria intelectual, ou seja, seu pensamento crítico e sua capacidade de tomar consciência a respeito das mais diversas formas de dominação existentes no mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem e o mundo, simplificados para caberem nos critérios da razão, acabam por se tornarem massa de manobra. Portanto, é possível concluir que a utilização e perpetuação de um modelo ideal de corpo é utilizado para manipular a matéria e fazer perpetuar o desejo de consumo e que essa ideia é bastante difundida pelo mercado capitalista que manipula e aliena o sujeito para que o mesmo alcance os objetivos de compra.

Entretanto, apesar desse trabalho ter alcançado essa conclusão, o mesmo não se constitui um resultado definitivo a respeito do tema, este tem como intuito

acrescentar dentro das discussões já realizadas na sociedade a respeito do assunto e jamais esgotar o tema, apesar de que, mesmo que haja essa tentativa, se torna difícil ou quase impossível o fazer devido à complexidade do problema. Mas o mesmo pode ser utilizado como referência ou ponto de partida para futuras pesquisas, visto que os resultados obtidos através dessa pesquisa são de extrema importância para a conscientização do sujeito a respeito de sua própria alienação.

6. REFERÊNCIAS

BARROS, Rodrigo José Fernandes de; NASCIMENTO, Kelvin do. CAPITALISMO E FELICIDADE: apontamentos sobre a teoria social contemporânea e o pensamento de Marx. Intratextos, Rio de Janeiro, vol. 9, n.1, 2018, p. 100-114. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intratextos/article/download/33776/25818>. Acesso em 05 de novembro de 2023

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. Os Pensadores. São Paulo: abril, 1980

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Ícone, 2006

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

ESCOBAR, Silvonei Pereira. **O Mecanicismo De René Descartes E Sua Influência Na Visão Exploratória Do Mundo Natural**. Unisales, 2023. Disponível em: <https://unisales.br/wp-content/uploads/2023/06/O-MECANICISMO-DE-RENE-DESCARTES-E-SUA-INFLUENCIA-NA-VISAO.pdf>. Acesso em: 20, agosto 2023

FREITAG, Bárbara. **A Teoria Crítica Ontem e Hoje**. São Paulo: Brasiliense, 1990

LEVY, Lia. **O dualismo Cartesiano. Lições de História da Filosofia**. ALTMANN, Silvia; WOLFF, Eduardo (p. 86-109). Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2010.

MCNABB, Darin. **Dialéctica de la Ilustración de Adorno y Horkheimer**. YouTube, 30 de setembro de 2020. Disponível em: <https://youtu.be/l-zaOPkjFb4?si=5DtVWoJS-x93t2CF>. Acesso em: 13 de setembro de 2023

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009

MOTA, Henrique. **Marcos Nobre Teoria Crítica**. YouTube, 7 de maio de 2013. Disponível em: <https://youtu.be/jklcl5XDrZk?si=N-ULBc-dZM4c9LCu>. Acesso em: 22 de outubro de 2023

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: de Nietzsche à escola de Frankfurt**. São Paulo: Paulus, 2006 v. 6

TARNAS, Richard. **A epopéia do Pensamento Ocidental**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica**. 12. ed. São Paulo: Loyola, 1991